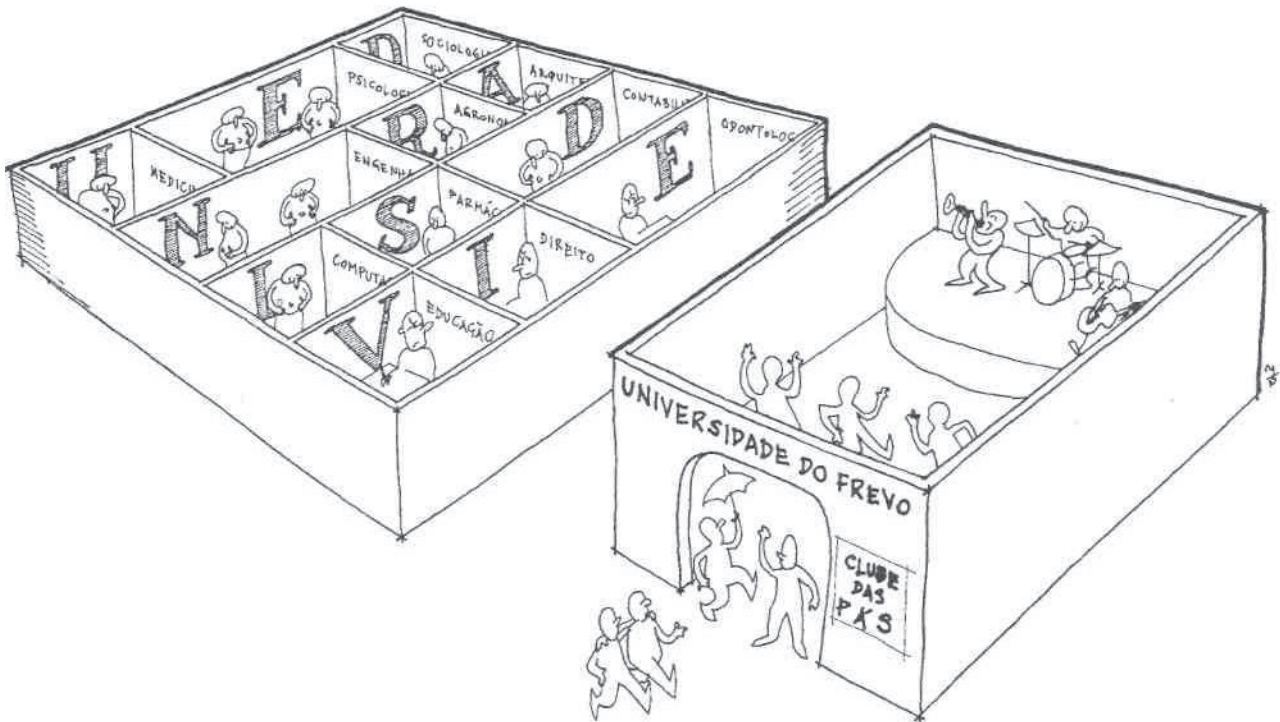


O Clube das Pás e a Universidade

(Ensaio)

Cesar Barbieri*



Resumo / Abstract

O presente ensaio faz uma comparação entre a trajetória da "Universidade da Ciência" e a do "Clube das Pás: a Universidade do Futuro". Esse é o nome de um local na cidade de Recife que foi visitado por um grupo de educadores. Trata-se de um ambiente onde todas as classes se reúnem e participam ativamente, como parceiro na construção do momento vivenciado. Seria de grande valia para o desenvolvimento do processo de educação do povo, se educadores, professores e reitores fizessem um estágio no "Clube das Pás".

The present essay draws a comparison between the trajectory of the "University of Science" and that of the "Club of Shovels: the University of the Future". The latter is a place in the city of Recife that has been visited by a group of educators, and in which all classes get together and participate actively as partners in the building up of each new experience undergone by the students. It would be of great importance to the development of the process of Education of our people if educators, teachers, and rectors learned with the "Club of Shovels".

Na década de 80, estava na cidade do Recife, reunido com um grupo de outros educadores para a elaboração de um documento sobre os possíveis novos rumos a serem dados à Educação Física e ao Esporte neste País e, após três dias de árduo trabalho, fomos, merecidamente, à noite, visitar um dos pontos turísticos da cidade conhecido por todos como "Clube das Pás".

Ao chegarmos, tivemos que enfrentar uma fila muito grande, entre carrinhos de cachorro-quente, pipoca, batata frita etc, para comprarmos nossos ingressos. Aguardando a nossa vez de conseguir o precioso passe para o que nos aguardava, levantando o olhar para o alto da fachada do prédio, deparei-me com a afirmação "Clube das Pás: a Universidade do Frevo", escrito com os recursos de marketing possíveis naquela época e de acordo, certamente, com os recursos financeiros daquela instituição.

Após entregar o ingresso ao porteiro, adentrei o recinto e sentindo um agradável arrepio na espinha, deslumbrei-me com um grande salão, de piso de tábua corrida, muito bem encerado, muitas mesas dispostas ao redor da pista de dança, num nível um pouco mais elevado do piso, e um grande camarote rodeando o salão, que, compondo um segundo andar, também continha várias mesas. Ao fundo, um palco, a uma altura de 1,50m, aproximadamente, com uma orquestra fantástica convidando todos a dançar!

Ali, um número muito grande de pessoas se encontravam. Homens e mulheres, altos e baixos, velhos e jovens, brancos, pretos e mulatos, de todas as faixas sócio-econômicas, indo de grandes empresários, advogados e médicos à empregados do comércio, funcionários públicos, mecânicos, empregadas domésticas, professores, pedreiros, pintores de parede etc. Um ambiente onde todas as classes estavam ali representadas e participando, efetivamente, como parceiros na construção daquele momento.

Certamente esse espaço de "convivência" ali existente se deve, principalmente, ao fato de ter sido construído, ao longo dos anos, por várias pessoas. Segundo se sabe, foi em 1888 a primeira vez que como "Bloco das Pás de Carvão", composto principalmente por carvoeiros, teve-se notícia de sua existência.

Só em 1938 conseguiram adquirir o terreno, no bairro de Campo Grande e, apenas, em 1944 a construção do prédio foi possível. São mais de 100 anos de desenvolvimento de um processo de sobrevivência, crescimento e consolidação, para não dizer perpetuação, da "Universidade do Frevo"!

A "Universidade da Ciência", parece-me, tem uma trajetória um pouco diferente: sabe-se que a Universidade da Alexandria, a Universidade de Atenas e a Universidade de Roma, foram as primeiras, todas surgidas durante os três primeiros séculos após a execução de Jesus de Nazaré e, no século XII, surgem as primeiras universidades na Europa. No Brasil, os jesuítas, em 1592, já tinham apresentado à autoridade competente, na época o Papa, a idéia de se criar uma universidade nas terras tupiniquins. No entanto, em meio a várias discussões e entraves burocráticos, já nessa época, somente em 7 de setembro de 1920 surge a primeira universidade brasileira¹, como um conjunto de instituições muito distante do "verdadeiro espírito universitário"², ou seja, 32 anos após a "Universidade do Frevo". Um processo que durou nada menos do que 328 anos!

Nessa trajetória, a "Universidade do Conhecimento" vai cada vez mais abandonando a compreensão da unidade na diversidade e, cada vez mais, enfatizando e consolidando a visão fragmentada do mundo e das coisas, tornando-se apenas a reunião, sob uma mesma administração, de um punhado de instituições de ensino superior, cada qual "puxando a brasa pra sua sardinha", o que certamente não ocorreu com a "Universidade do Frevo".

A "Universidade da Ciência" cada vez mais se volta para os interesses da classe dominante. Por várias razões isso acontece, quer por ter sido, no seu início no Brasil, uma tentativa de substituição da função da Universidade de Coimbra; quer por reproduzir, como aparelho ideológico, os valores e princípios dessa mesma classe; quer por produzir os intelectuais e representantes políticos, que futuramente poderão vir a ocupar posição de destaque na condução político-administrativa do País — como dirigentes ou "eminência parida" — ; ou, ainda, fornecendo à classe dominante as explicações e justificativas de que necessita para manutenção do seu poder e, prin-

principalmente, convertendo um grande número de jovens e adolescentes (e também muitos professores), das classes submetidas ao seu poder com o objetivo de que, tais alunos e professores, não tomando consciência de si próprios, aceitem passivamente a situação imposta pelos que dominam.

Na "Universidade do Frevo" no entanto, a compreensão da existência de um todo constituído por elementos diversos é notória, principalmente quando a orquestra começa a tocar e pessoas diferentes, com história de vida diferentes, com formas diferentes de expressão, mesmo com posição social⁷ diferentes, transmitem conhecimentos já adquiridos e, ao som de trombones, pistons e instrumentos de corda e percussão, constróem, a cada olhar, a cada toque, um novo conhecimento ...

Na "Universidade do Frevo", no entanto, a compreensão da existência de um todo constituído por elementos diversos é notória, principalmente quando a orquestra começa a tocar e pessoas diferentes, com história de vida diferentes, com formas diferentes de expressão, mesmo com posição social³ diferentes, transmitem conhecimentos já adquiridos e, ao som de trombones, pistons e instrumentos de corda e percussão, constróem, a cada olhar, a cada toque, um novo conhecimento ...

Há muito ouvimos notáveis estudiosos discorrerem sobre a crise da universidade brasileira. Tal crise, certamente, tem sua raiz no fato de que a "Universidade da Ciência", distanciada do povo, corrompe a essência da cultura, considerando-a apenas como "o que é apenas saber especulativo ou prático, mas sempre de origem metropolitana e interpretado segundo o pensamento pedagógico que convém às elites economicamente dominantes"⁴, cultivando assim o que não é do interesse do povo, chamando a isso de "cultura", não preparando seu aluno para ser homem do povo, mas, sim, alguém que, unguído pelos óleos sagrados da elite, dele se destaca pelos seus títulos acadêmicos, como nos afirma com muita propriedade o eminente Vieira Pinto.

Certamente, a "Universidade do Frevo" também já passou por momentos difíceis, ocasionados principalmente por questões financeiras, preconceitos e discriminação por alguns que compõem certos segmentos equivocados de nossa sociedade, porém não se sabe, até o momento, ter passado por uma crise de identidade tão profunda e complexa quanto a acima referida, pois feita pelo povo e para o povo, seus objetivos e finalidades foram estabelecidos e mantidos por esse. Não se constituiu e se mantém por intermédio de leis, decretos, decretos-lei, portarias, instruções, pareceres ou resoluções, mas sim pelo interesse e dedicação de todos aqueles que, de livre e espontânea vontade, queiram associar-se, unir-se, para preservar sua identidade e sua função social, sob uma gestão democrática que, ava-

liando constantemente suas ações, desenvolve-se compromissada com as aspirações e expectativas de todos que a ela tem acesso, ingresso e permanência.

Na "Universidade da Ciência", encontramos a figura do professor universitário como um dos principais elementos que contribui para a sua existência tal como é, pois, confundindo instrução com educação, limita-se a apenas despejar sobre os alunos um dilúvio de informações acumuladas ao longo do tempo, muitas das quais sem utilidade nenhuma nos dias de hoje, e, em sua maioria, pertinentes ao campo das mutáveis tecnologias de ponta, consagrando o pensamento racional, a lógica formal, optando pelo cientificismo que, com bem aponta Fritjof Capra, "impregna nosso sistema educacional e todas as outras instituições sociais e políticas"⁵ em detrimento de um conhecimento intuitivo, de um saber construído num processo de aprender a ser no mundo.

Para ingressar no corpo docente da "Universidade da Ciência", o professor se submete a um processo de seleção que, segundo Vieira Pinto, "não se destina a escolher um novo professor, mas justamente a escolher o mesmo professor, na pessoa de um outro indivíduo"⁶, não sendo assim um sucessor daquele que se aposentou, licenciou-se, mas uma duplicata daquele, ou um clone dos já existentes. Assim, em sua grande maioria, repetindo velhos e antigos procedimentos, considerando-se os donos da verdade e os legítimos transmissores de um saber pronto e acabado, esses professores⁷, distantes do que Paulo Freire concebe sobre o que é estar comprometido com a sociedade⁸, fazem de sua ação como docentes um simples momento de repetir aulas passadas de um programa de ensino, com conteúdos que eles decidem o que os alunos devem aprender, que quase sempre contribuem, ainda mais, para o processo de alienação pretendido.

Utilizando-nos das interpretações de Pierre Weil ao abordar a fantasia da separatividade, criada pelo homem no decorrer de sua existência, e o surgimento de uma neurose por se crer que o paraíso foi perdido, pode-se perceber que a "Universidade do Conhecimento" se vincula intrinsecamente à Arvore do Conhecimento⁹, da qual, contam, Adão teria experimentado o seu fruto. Assim, seus adminis-

tradores, professores e, conseqüentemente, um grande número de alunos, progridem pelos caminhos da especialização, da disciplina-ridade, mesmo que hoje, cada vez mais, sejam oferecidas outras concepções por intermédio da interdisciplinaridade e a busca da trans-disciplinaridade¹⁰.

Na "Universidade do Frevo", não há um sistema formal de seleção de seus professores e alunos em busca dos mais aptos e eliminação dos menos aptos ou inaptos! Várias são as aptidões, tendo em vista a riqueza e relevância dos vários conteúdos que são abordados, não apenas a partir do prefixo musical da orquestra, mas que também se prolongam, após a última música, até o próximo reencontro, que obrigatoriamente não precisa ser entre os mesmos professores e os mesmos alunos.

Inúmeras são as metodologias, as estratégias, os procedimentos à disposição dos que desejam aprender, um pouco mais, a ser-estar neste mundo. A relação mestre-aprendiz se estabelece fundamentada na empatia existente entre ambos, prevalecendo a completa autonomia, de cada um, no estabelecimento dessa relação e, certamente, em sua duração e qualidade.

Dessa forma, seus administradores, professores e alunos, num processo de co-educação, numa comunidade de aprendizagem, como nos fala Ana Quiroga¹¹, desempenham simultaneamente os papéis de mestre e aprendizes.

Se fizermos uma análise mais profunda da "Universidade do Frevo", utilizando-nos também das interpretações de Pierre Weil, certamente chegaremos a conclusão de que ela não tem a mesma vinculação com a Arvore do Conhecimento, como a "Universidade da Ciência", mas sim, vincula-se, também intrinsecamente, à Arvore da Vida, a qual "simboliza um estado primordial de consciência que se caracteriza pela não-dualidade ou não-separatividade e por uma sabedoria primordial espontânea"¹².

Nesse percurso — de Anhangüera e Caramuru a Bill Gates e Dole, por enquanto —, é uma constatação que as informações, tidas como base irrefutável do conhecimento, entendido como pronto e acabado, configuram-se em importante elemento na constituição dos

diversos instrumentos de poder e que o desconhecimento, originado pelos inúmeros obstáculos colocados ao acesso ao conhecimento ou pela alienação oriunda da ausência de entendimento do que seja estar no mundo, cede espaço significativo ao conhecimento, chamado científico, e, por sua vez, à suposta autoridade de seus detentores.

É inegável, também, que a construção do que chamamos hoje de ciência fundamentou-se na visão do mundo e na concepção de homem de alguns poucos estudiosos que, dentre outras razões e aspectos, buscaram compreender (inicialmente), explicar (supostamente), normatizar (pretenciosamente), direcionar (absurdamente) a realidade.

Assim, a visão, equivocadamente fragmentada desses homens que construíram o chamado conhecimento científico, sobre as relações homem-planeta-cosmos, inaugurou e fortaleceu a conseqüente concepção fragmentada dos "não-iluminados" quanto à existência do homem em sua origem e desenvolvimento. Tal visão proporcionou o surgimento de inúmeras disciplinas, que, tentando estreitamente compreender e explicar a realidade, terminou por transmitir de forma compartimentalizada e reduzida essa mesma realidade, tal como acontece quando tentamos descrever uma paisagem vista, durante uma viagem, apenas de uma janela de trem ...

Neste final de século, e início do próximo, surge, até mesmo como uma das contradições desse processo, outras concepções, outras formas de ver o mundo, que nos permitem compreender o homem em seus aspectos telúrico e cósmico, tendo em vista a possibilidade concreta da realização da plenitude do existir.

Transcendendo a visão fragmentada e seus caminhos lineares e unidirecionais, ressurge, com mais força e argumentos mais convincentes, a visão holística desse estar no mundo, concebendo a realidade como a relação intrínseca entre eventos sinérgicos que contêm e refletem o todo.

Assim, o homem embarcado no submarino da "Universidade da Ciência", submerso nesse oceano de dúvida e aparente escuridão total, vendo e explicando o mundo através do periscópio do dito conhecimento científico, aos

poucos vem buscando romper os limites impostos pelas tais disciplinas, pelas tentativas de supremacia de um único enfoque sobre os demais e criando uma forma plural para compreender e explicar o mundo e o seu pertencimento a ele.

Dessa forma, ultrapassando essa estrutura reducionista das disciplinas e, até mesmo, a constatação da existência de uma profunda inter-relação entre elas, o homem, mantendo alguns elementos conhecidos por seu intermédio, busca transcendê-las e assim vem-se dando conta não apenas que a Terra não é o centro do Universo (e, portanto, não é o sol que gira ao seu redor), mas que, também, é possível que nesse mesmo Universo não exista um centro e que o equilíbrio das relações entre seus elementos constitutivos é que seja a grande sacada!

Certamente seria de grande valia para o desenvolvimento do processo de Educação de nosso povo se os educadores, professores e reitores, principalmente, antes de se candidatarem ou assumirem suas funções, fizessem um longo estágio na "Universidade do Frevo", no Clube das Pás!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo : Ática, 1983, p.82-121.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo : Cultrix, 1988, p.37.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Ciência, informática e sociedade: uma coletânea de textos*. Brasília : UnB, 1994.

_____. *Declarações dos fóruns de ciência e cultura da UNESCO* (org.). Brasília: UnB, 1994.

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: *Educação e mudança*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983, p. 15-25.

PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em construção*. Campinas : Papyrus, 1996, 95p.

QUIROGA, Ana. *Matrices de aprendizaje: textos de aula utilizados na Primeira Escuela Privada de Psicología Social* Dr. E. Pichon Riviere. Buenos Aires : Ediciones Cinco, 1984.

SILVEIRA, Maria José. A evolução da concepção de universidade no Brasil. In: TUBINO, M.J.G. (org.). *A universidade de ontem e hoje*. São Paulo : IBRASA, 1984, p.63.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *A questão da universidade*. São Paulo : Ática, 1986, p.35.

WEIL, Pierre. *A neurose do paraíso perdido: proposta para uma nova existência*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1987, p.17-50.

NOTAS

¹Segundo Tobias, Antônio, citado por Silveira, Maria José. A evolução da concepção de universidade no Brasil. In: Tubino, M.J.G. (org.). *A universidade ontem e hoje*. São Paulo : IBRASA, 1984, p.63, em 1912, com a Reforma Rivadávia Correia, foi criada a Universidade do Paraná, que imediatamente foi autorizada pelo Governo Estadual, mas que deixou de existir em 1915 com a revogação da citada Reforma e pelo não atendimento às exigências da nova legislação (Dec. nº 11.530, de 10/03/1915).

²Silveira, Maria José. op. cit., p. 14.

³Cf. Bourdieu, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: Ortiz, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo : Ática, 1983, p.82-121.

⁴Cf. Vieira Pinto, Álvaro. *A questão da universidade*. São Paulo : Ática, 1986, p.35

⁵Capra, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo : Cultrix, 1988, p.37.

⁶Vieira Pinto, Álvaro, op. cit., p.50.

⁷Por certo há exceções, como nos aponta Pimentel, Maria da Glória. *O professor em construção*. Campinas : Papyrus, 1996, 95p.

⁸Freire, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: *Educação e mudança*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1983, p. 15-25

⁹Weil, Pierre. *A neurose do paraíso perdido: proposta para uma nova existência*. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1987, p.17-50

¹⁰Cf. D'Ambrosio, Ubiratan. *Ciência, informática e sociedade: uma coletânea de textos*. Brasília : UNB, 1994; *Declarações dos fóruns de ciência e cultura da UNESCO*, (org). Brasília : UNB, 1994.

¹¹Cf. Quiroga, Ana. *Matrices de aprendizaje: textos de aula utilizados na Primeira Escuela Privada de Psicología Social* Dr. E. Pichon Riviere. Buenos Aires : Ediciones Cinco, 1984.

¹²Weil, Pierre. op. cit., p.34.

UNTERMOS

Universidade; educação; professor universitário.

**Cesar Barbieri é aluno do Curso de Mestrado em Educação da Universidade de Brasília-UnB*

Certamente seria de grande valia para o desenvolvimento do processo de Educação de nosso povo se os educadores, professores e reitores, principalmente, antes de se candidatarem ou assumirem suas funções, fizessem um longo estágio na "Universidade do Frevo", no Clube das Pás!